

A ideia de História na Antiguidade Clássica

CONSELHO EDITORIAL

Ana Paula Torres Megiani

Eunice Ostrensky

Haroldo Ceravolo Sereza

Joana Monteleone

Maria Luiza Ferreira de Oliveira

Ruy Braga

A ideia de História na Antiguidade Clássica

Glaydson José da Silva e Maria Aparecida de Oliveira Silva
(Organizadores)



Copyright © 2017 Glaydson José da Silva e Maria Aparecida de Oliveira Silva.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Edição: Haroldo Ceravolo Sereza/ Joana Monteleone

Assistente acadêmica: Bruna Marques

Projeto gráfico, diagramação e capa: Jean Ricardo Freitas

Assistente de produção: Luara Ruegenberg

Revisão: Alexandra Collontini

Preparação e padronização editorial: Jonathan Cruz Oliveira

Imagens da capa: *Mosaico da época severiana (193-211), Palazzo Massimo, Roma*

Esta obra foi publicada com apoio da Fapesp (nº do processo 2015/16155-9) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Antiguidade Clássica e suas Conexões Afro-Asiáticas da Unifesp.
<http://www.mundoclassiconectado.unifesp.br>

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

I22

A ideia de história na Antiguidade Clássica
organização Glaydson José da Silva, Maria Aparecida
de Oliveira Silva. - 1. ed.
São Paulo : Alameda, 2017.
638 p. : il. ; 23 cm.

Inclui bibliografia e índice
ISBN: 978-85-7939-472-0

1. Roma - História. 2. Historiografia. I. Silva, Glaydson José da. II.
Silva, Maria Aparecida de Oliveira.

17-41764

CDD: 937

CDU: 94(37)

ALAMEDA CASA EDITORIAL

Rua 13 de Maio, 353 – Bela Vista

CEP 01327-000 – São Paulo, SP

Tel. (11) 3012-2403

www.alamedaeditorial.com.br

Índice

Prefácio	9
Introdução	11
PARTE I – GRÉCIA	15
Apresentação	17
1 – A “Novidade” do Canto na <i>Odisseia</i>	21
<i>André Malta</i>	
2 – Heródoto: “Pai da História”?	43
<i>Leandro Hecko</i>	
3 – Uma ambiguidade retórica tucididiana	61
<i>Anderson Zalewski Vargas</i>	
4 – Eurípides, o Poeta do Feminino: o caso de Alceste	91
<i>Fernando Brandão dos Santos</i>	
5 – Considerações sobre a <i>Visão de História</i> de Xenofonte	115
<i>José Francisco de Moura</i>	
6 – Platão e a História	131
<i>Hector Benoit</i>	
7 – A idéia de História em Aristóteles	155
<i>María José Martín Velasco</i>	

8 – O pensamento histórico de Políbio Uma ponte entre a a tradição grega e a universalização da História <i>María Leonor Milia e Claudio Horacio Lizárraga</i>	189
9 – A Ideia de História em Estrabão a partir do <i>Relato sobre a Magna Grécia</i> (Geografia, Livro VI) <i>Airton Pollini</i>	219
10 – História e biografia em Plutarco: o público e o privado na vida de Sólon <i>Maria Aparecida de Oliveira Silva</i>	255
11 – Pausânias historiador? <i>Gilberto da Silva Francisco</i>	281
12 – Luciano e sua Relação com o <i>Discurso do Historiador</i> <i>Pedro Ipiranga Júnior</i>	301
PARTE II – ROMA	329
Apresentação	331
13 – A quem julgas apropriado escrever a história? O orador e o historiador no <i>De Oratore</i> de Marco Túlio Cícero <i>Cláudia Beltrão</i>	335
14 - A ideia de História nos <i>Commentarii De Bello Gallico</i> , de César <i>Glaydson José da Silva</i>	365

15 – Considerações sobre Salústio historiador	399
<i>Pedro Paulo Abreu Funari e Renata Senna Garraffoni</i>	
16 – Usos da História na intriga da <i>Eneida</i> de Virgílio	413
<i>Paulo Vasconcelos</i>	
17 – Texto e imagem: História. Como se faz a História sob(re)	437
Otávio/Augusto	
<i>Paulo Martins</i>	
18 – A ideia de História em Tito Lívio	469
<i>Juliana Bastos Marques</i>	
19 – Flávio Josefo: suas histórias e seu duplo alicerce	495
historiográfico	
<i>Luis Eduardo Lobianco</i>	
20 – A ideia de história em Tácito	531
<i>Fábio Duarte Joly</i>	
21 – Plínio, o jovem e a História: eloquência e posteridade	551
<i>Renata Lopes Biazotto Venturini</i>	
22 – A ideia de História em Suetônio	577
<i>Vicente M Ramón Palerm e Miguel Angel Rodriguez Horrillo</i>	
23 – A construção de uma proposta de <i>Ars gubernatoria</i> na	601
obra <i>História romana</i> , de Dion Cássio	
<i>Ana Teresa Marques Gonçalves</i>	

*A Ideia de História em Suetônio*¹

Vicente M. Ramón Palerm

Miguel Á. Rodríguez Horrillo

Universidad de Zaragoza

Com antecipação a um estudo pormenorizado e *microestrutural*, por assim dizer, de Suetônio e seu conceito de história em termos absolutos, procede deter-se suscintamente em dois problemas de natureza *macroestrutural* que vêm constituindo, na história da historiografia greco-latina, uma verdadeira *crux philologica*. Referimo-nos, em primeiro lugar, à debatida e permanente questão sobre a dependência ou independência que a historiografia e a biografia mostram em sua morfologia genérica; em segundo lugar, devemos centrar o *status* da originalidade e/ou tradição que Suetônio experimenta a respeito da tradição biográfica mais acreditada. Assentados medida do possível nessas duas colocações, convém aprofundar-se estritamente na trama cultural e histórico-literária da biografia suetoniana.

Historiografia e biografia

Na arquitetura dos géneros que presidem, *grosso modo*, o objetivo da historiografia latina, é obrigada à consulta a um estudo modelar pela consideração das epígrafes correspondentes e pela facilidade legível com que coloca e define os problemas de maior consideração. Trata-se do artigo que Cizek (1985: 15-33) dedica ao particular. Logo no início, devemos saudar o caráter flexível, alheio a qualquer dogmatismo

1 Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva.

axiomático, que preside o discurso do autor. O certo é que o estudo da história em Roma abarca um extenso conjunto de gêneros relativamente autônomos, cujas interdependências saltam aos olhos permanentemente. Assim ocorre com a analítica, os comentários, as crônicas, as próprias *vidas*. Deve-se admitir que o termo *história*, em Roma, assume um espectro semântico muito considerável. De fato, julgada a natureza dos fatos com critérios débeis, os escritores latinos de maior renome integravam seus respectivos relatos em um universo genérico da *história*. Na verdade, a distinção entre biografia e história (caberia dizer melhor entre *vida e história*, uma vez que, a rigor o termo biografia não está documentado na literatura greco-latina recente) está longe de ser precisa no mundo antigo. É mérito, entre nós, um recente trabalho do professor Valcárcel (Valcárcel: 2009: 19-39) a revisão panorâmica do problema, onde brilha a dificuldade de estabelecer limites apropriados. É provável, a atitude mais prudente consiste em propor para a biografia (ao menos para a biografia política) o caráter de *genus proximum* da historiografia (Geiger: 1985, 21-29). Na verdade, convém sublinhar que - se nos atemos a testemunhos factuais de que dispomos - a distinção entre biografia e historiografia se torna ausente no âmbito da biografia intelectual ou literária. No entanto, lá onde comparece irrefutavelmente a biografia greco-latina de recorte político observamos o interesse declarado dos autores para matizar similitudes que ambos os gêneros patenteiam (Ramón Palerm: 1992, 17-18). De fato, Nepos refere-se de forma inequívoca (*Pelopidas* I 1, *Epaminondas* IV 6) que o objeto capital do biógrafo consiste em seu trabalho sinóptico, na escolha sintética dos detalhes que, sobre o personagem, procede trazer a síntese; e efetivamente se trata do mesmo ponto em que incidente Plutarco (*Alexander* I 1, *Nicias* I 5) para delimitar o desempenho da sua tarefa histórico-literária. Assim é, o critério quantitativo, do resumo de compêndio, resulta essencial nos autores para fixar os limites da biografia na relação com a historiografia (Valcárcel: 2009: 33-36). Por outro lado, parece razoavelmente fiável que, no início das *Vidas dos Césares* (infelizmente perdido na tradição textual), Suetônio tinha manifestado a correspondente distinção genérica que consta em Nepos e em Plutarco: obviamente, nós encontramos ante uma conjectura que, contudo, não deve ser negligenciada (Geiger: 1985, 21, n. 3; Valcárcel: 2009, 37).

O gênero biográfico em Suetônio

A originalidade ou o vínculo da biografia suetoniana quanto a estruturas genéricas preexistentes é tarefa amplamente debatida no seio da investigação especializada (em geral, são relevantes as contribuições de Cizek: 1977, 1985; Picón: 1998, 2009).

Com efeito, acreditamos que devem ser afixadas à hipótese tradicional, de natureza especulativa, que sugeriu com perspicácia Leo (Geiger: 1985: 11-18; Picón: 1998, 68-70; 2009: 71). O filólogo alemão se valia de formulações excessivamente *rigorosas* e propunha que, na esfera grega, havia existido dois modelos biográficos: por um lado, a característica da escola peripatética, que teria usado um esquema formal da natureza cronológica a fim de traçar o perfil vital de personalidades significativas na vida cultural (este esquema, o cronológico, teria se movido após as vidas de políticos e militares de importância); por outro lado, o inerente à escola alexandrina, que havia modificado o esquema anterior mediante a proposta de uma estrutura sistemática a qual atesta as condições da personagem mediante categorias anexas ao mesmo, de modo que o esquema cronológico resultava subsidiário em um modelo que se atinha à descrição de literatos. Pois bem, assim as coisas, o modelo de Suetônio teria aplicado o esquema alexandrino, de maneira incipiente, aos esboços vitais de estadistas no mundo romano.

Na atualidade, estudos recentes orientam a um modelo explicativo que defende com pertinência a originalidade distintiva dos grandes biógrafos sobre personalidades políticas no mundo greco-latino, durante um lapso temporal que medeia entre o século I a.C. e o II d.C. (a saber, Nepos, Plutarco e Suetônio). Devemos à sagacidade exegética de Geiger (Geiger: 1985) a análise da questão, de acordo com as provas documentais com que hoje contamos, sem alimentar construções de teor especulativo. De fato, na antiguidade helenística dispomos de biografias concebidas para literatos e intelectuais, mas não de biografias de personalidades políticas, cuja proposta é um argumento que não faz sentido explicar *obscura per obscurius*. Por outro lado, convém diferenciar a atenção óbvia ao gênero biográfico da verificação de biografias helenísticas de viés político, as quais carecem de testemunhos contrastantes que avalie sua existência. Em suma, esta perspectiva nos torna a Cornélio Nepos, em si, o pioneiro da biografia política para o mundo greco-latino, mediante um esquema fundamentalmente cronológico de confrontação entre heróis gregos e romanos, um esquema que adotaria – com mais consistência erudita e embalagem formal – Plutarco de Queronea (Ramón Palerm: 1992; 2009: 41-46).

Em vista das circunstâncias, convém centrar o ofício de Suetônio no desenvolvimento da biografia política, com o propósito de examinar a sua contribuição particular à consolidação de um gênero e aprofundar-se nas possíveis conexões que mostra respeito à tradição biográfica precedente. Na verdade, resulta matéria amplamente contestada matéria e tangencialmente abordada por nós anteriormente. Há

aqui dois pontos cardeais que o presidiram, até na atualidade, a discussão sobre o problema: trata-se basicamente de dois, a saber, a dependência que Suetônio exhibe sobre os modelos preexistentes e a morfologia interna do esquema biográfico que destila a produção de Suetônio (muito especialmente no concernente às *Vidas dos Césares*).

Em relação à primeira incógnita, não fazemos senão nos ajustarmos às colocações metodológicas e doutrinárias que temos defendido na gênese da biografia política para o mundo greco-romano. Se conseguirmos interpretá-la corretamente, a força dos fatos deixa Nepos como *inventor* de um gênero que causou fortuna no âmbito romano, com Suetônio, e no grego, com Plutarco. Não é o propósito deste ensaio reincidir em questões já consabidas sobre a relação Nepos-Plutarco, parcialmente sintetizado algumas linhas acima. Assim estabelecido, cabe interrogar-se sobre a influência que o par Nepos-Plutarco pôde exercer em nosso biógrafo. Recentemente, tem-se examinados com critérios rigorosos tal circunstância (Picón: 2009, 71-79), de modo que, de acordo com as indagações, a contribuição do modelo plutarquiano à arquitetura das *Vitae* em Suetônio parece praticamente nula. Na verdade, como demonstra Picón (Picón: 2009, 77-78), o enfoque estrutural de Suetônio difere sensivelmente do que mostra o queronense, considerando, além disso, que não só Suetônio, mas mesmo Plínio ou Tácito fazem menção alguma das *Vidas Paralelas*. Desta forma, resta examinar a possível influência de Cornélio Nepos na tarefa suetoniana (Picón: 2009, 73-76). Acontece que a abordagem inicialmente cronológica do esquema em Nepos não é tão rígido como poderia se julgar, graças ao testemunho que o biógrafo tardo-republicano lega na *Vida de Epaminondas* (I 3-4), detectamos que a sucessão cronológica ao longo da biografia se vê harmonizada pelas correspondentes categorias, rubricas ou *species*. Mesmo assim, o biógrafo sanciona a possibilidade de permutar a ordem nos assuntos inerentes à *vida pública* e à *vida privada* do herói cujo retrato se traça. O fato é que, se olhar bem, essa combinação do sistema cronológica e *per species* resulta permeável, com o tempo, o esquema estrutural da biografia Suetônio, quem enriquece mediante seu particular selo literário o projeto formal de Nepos. Como demonstra o professor Picón (1998, 70-79, e especialmente 2009: 79-106), as *Vida de Augusto* e de *César* são canônicas para explicar o retículo com que se tece a configuração das biografias em Suetônio. Estas *Vidas* se apresentam como modelos respectivos dos relatos biográficos que informam o conjunto das *Vidas dos Césares*. Deste modo, na *Vida de Augusto* prima a divisão cronológica, enquanto na *Vida de César* destaca o modelo *per species*. Acrescente a isso a inclusão de elementos próprios da arte da retórica, como a *laudatio* e o *vituperio*, com a adição dos dados correspondentes à vida pública e à vida

privada do mandatário: todo o qual nos perfila, em cuidadosa amálgama, o quadro da estrutura biográfica anexa ao esquema de Suetônio.

Feitas estas considerações de caráter geral que orientam sobre o marco *macroestrutural*, formal, da biografia suetoniana, procede discernirmos o conteúdo intrínseco do período histórico, do homem, da obra, do conceito de história que transmite Suetônio.

Cenário cultural e literário

A morte de Domiciano significou a abertura de novos tempos para a literatura latina. Após o breve período de governo de Nerva, os reinados de Trajano e Adriano propiciaram uma época de relativo esplendor para a literatura latina e para a cultura em geral.

Este pequeno oásis cultural é explicado pelo abandono por parte do imperador de uma posição de liderança no que diz respeito à literatura: contra a tendência seguida por seus antecessores, tanto Trajano como Adriano, apesar de seu grande interesse na cultura – inclusive de tom heleno –, não adotaram uma posição condutora para determinar as linhas mestras que definirão os interesses culturais da época, forçando assim a liberdade criativa do período.

Graças a esta posição discreta dos imperadores, os *circuli* literários (Cizeck: 1991, 19) serão um cenário idôneo para o cultivo das artes literárias de mão de autores vinculados como sempre às atividades governamentais, mas com o detalhe, pelo menos, da inclusão progressiva de autores ligados à nova e poderosa burocracia imperial. O próprio Suetônio desempenhará sua carreira neste âmbito, aspecto que terá não pouca importância no fôlego da sua obra, de modo que esta poderá ser entendida, por vezes, como um efeito derivado de seu trabalho como um alto funcionário, circunstância que acontecerá também com outros autores (Della Corte: 1967, 28; Wallace-Hadrill: 1983, 22). Esta condicionante determinará em grande modo o material empregado e talvez o acesso ao mesmo, modificando a maneira habitual de encarar a manipulação de fontes, estabelecendo-se uma ligação clara entre esse novo mundo dos documentos a sua disposição e a natureza de sua obra.

A fase vital de Suetônio discorre em um ambiente que, no contexto cultural, vive um momento de forte especialização definida pela erudição que recorre às do momento. Não se trata simplesmente da criação de obras literárias, mas é o estudo das mesmas e da cultura em seu sentido mais amplo, o que define o universo de autores como Suetônio. Aspectos como as tradições de Roma, a evolução das artes liberais e

história de teor insignificante e anedótico ocupam um lugar destacado no desenvolvimento literário da época. Estamos na aurora da confirmação do arcaísmo cultural, com nomes como Frontão e Aulo Gélío, alcançará seu nível máximo.

Este *revival* do passado cultural romano, que começa a dar seus primeiros passos neste momento, não conota uma visão *romanocentrista* que exclua o heleno do mundo ilustrado do momento. A cultura grega é assumida como um elemento para se considerar seriamente e, precisamente com o Imperador Adriano (Bardon: 1968, 394), que terá uma de suas eras douradas ouro em Roma, dando lugar a uma enriquecedora coexistência do selo grego e do romano vinda de outra época, mas potencializada no momento tanto pelas inclinações culturais do imperador como pela especial dedicação mostrada na no mundo heleno ao antiquarismo. E é que, além das possíveis influências diretas que o grego possa ter na obra de Suetônio e em sua ideia de gênero biográfico, seu labor literário, particularmente a menor, tem muito do tom erudito e antiquário que percorria o mundo helenístico.

Além disso, a simpatia de Suetônio por Cícero (uma contingência já assinalada, Macé: 1900, 288-298) nos leva, como é natural, ao universo literário do grande Quintiliano (D'Anna: 1954, 104). Essa simpatia pelo Arpinate, além de melhorar a imagem do orador (Della Corte: 1967, 49-50), cristaliza no cultivo de um estilo simples e flexível que tem como ensino fundamental a deliberada ausência da *obscuritas* (D'Anna: 1954, 103-104; Della Corte: 1967, 35), com uma variedade de estilo que pode ser visto quase recorrentemente e que esconde uma simplicidade alheia à qualquer esforço retórico (Wallace-Hadrill: 1983, 19).

Coordenadas pessoais

Os detalhes sobre a vida de Suetônio foram julgados de maneira admirável – e de certo modo, todavia insuperável – por Macé (Macé: 1900, 31-47). Os dados dispersos que nos dão tanto o próprio Suetônio como o epistolário de seu mentor Plínio, o Jovem delineiam uma rotina no desempenho de altas funções na corte perfeitamente consolidada, não sem uns poucos titubeios com a milícia (Wallace-Hadrill: 1983, 4), logo abandonados, apesar da tradição familiar, e da pouca repercussão (Syme: 1958, 778), que delineia um perfil pessoal escassamente ligado à tradicional trajetória política em Roma. O desempenho dos postos *a studiis, a bibliothecis e a epistulis* (os dois primeiros sob Trajano, o último e mais importante sob Adriano [Wallace-Harill: 1983, 5]) supõem, mesmo dentro da classificação equestre, uma trajetória considerável (Townend: 1961, 103): não devemos esquecer a exigência de alguns encargos,

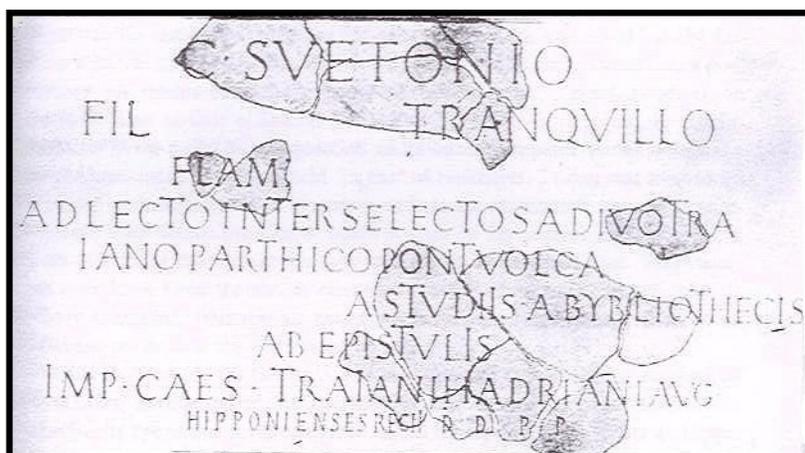
embora sejam discretos, implicavam para seu desempenho um nível de erudição consideravelmente amplo, uma característica que Suetônio reunia de maneira patente (Townend: 1961, 102).

A carreira deste modesto *eques* se desenvolve por período não muito extenso. Nascido por volta de 69, se aceitarmos a correção que Macé (Macé: 1900, 59; Baldwin: 1983, 3-4, para os testemunhos) propôs a data de 77 d. C. sugerido por Mommsen, talvez Hippo (como parece epígrafe, embora nada é certo [Syme: 1984, 1337; Baldwin: 1983, 31, e abaixo]), a sua atividade tanto quanto nós compete desenvolve por isso apenas quinze anos, de 105 d. C., em que Plínio chama-o a publicar uma obra (que poderia ser o *De viris illustribus* [Macé: 1900, 68; Wallace-Harill: 1983, 4]) até 122 d. C., ano em que fulminantemente destituído e seu rastro se perde, concretamente enquanto se encontrava acompanhando o imperador em terras da Bretanha (*História Augusta, Vida de Adriano X 5*), embora a sua presença aqui seja duvidosa ao falar de alguns estudiosos (Syme: 1984^a, 1341).

A descoberta de uma epígrafe em Hipona (Wallace-Hadrill: 1983, 5; *editio princeps* em *AE* 1953, n° 73, cf. imagem Townend: 1961, 104) abriu, aparentemente, novas possibilidades para lidar com a compreensão da fase final da vida de Suetônio, muito embora muito não possa ser adicionado aos dados já conhecidos, dados que a epígrafe ao menos confirma (Townend: 1961, 105). Assim, parece clara uma certa relação entre a queda de Suetônio e de Septício Claro, o poderoso prefeito da guarda pretoriana de Adriano e protetor de Suetônio – não em vão sabemos por Juan Lido que lhe dedicou a *Vida dos Doze Césares* –, uma queda em desgraça causada, talvez, por sua relação pouco própria com a imperatriz Sabina (Wallace-Hadrill: 1983, 6), embora qualquer proposta caia no terreno da especulação. O teor da mencionada dedicatória, este personagem, próximo ao círculo de Plínio (Macé: 1900, 88), seria em grande medida responsável pela ascensão de Suetônio, e, certamente, a sua caída em desgraça também implicaria a Suetônio, o qual parece mais sensato que um possível confronto entre o imperador e sua *ab epistulis* (Wallace-Hadrill: 1983, 6): a ideia de patronagem é fundamental para o mundo cultural e vital de Suetônio; e as posições obtidas por este meio padecem de uma clara dependência do protetor (Baldwin: 1983, 36).

O trabalho do *ab epistulis* era muito mais do que um mero escriba: controlava uma grande equipe e seu trabalho era o de um *grammaticus* (Macé: 1900, 94-97) em ambas as línguas (Townend: 1961^a, 379), o que confirma uma perícia no grego apreciável em algumas de suas obras. Frente ao orador dedicado ao ensino da arte

retórica, em franco retrocesso por esse paulatino desaparecimento da vida no foro que assinalara Tácito em seu *Dialogus* (Cizeck: 1991, 10-11), o trabalho do *grammaticus* se centrava no estudo e a explicação dos autores literários (Macé: 1900, 53), o que implica essa continuada convivência com o melhor da literatura que tão própria é deste momento cultural e que resulta realmente útil para seu trabalho na estilística da correspondência imperial, correspondência que supunha um dos pilares fundamentais de máquina burocrática imperial uma cada vez mais poderosa. Desde a época de Augusto, e como o próprio Suetônio indica, a preocupação dos imperadores pela consolidação das bibliotecas e pela provisão deste tipo de postos, de um modo talvez menos profissionalizado seus primeiros passos – o próprio Augusto propôs a Horácio o posto de *a epistulis* (Suetônio, *Vida de Horácio*) – é uma realidade que o próprio Suetônio exemplifica, especialmente se nós aceitamos o cargo *a studiis* estava à frente da biblioteca pessoal do imperador (Van't Dack: 1963, 180), o qual faria que em sua primeira fase, quase preparatória, Suetônio tinha estado à frente da biblioteca privada do imperador e, com o tempo, das bibliotecas públicas.



A Epígrafe de Hipona (*Apud* Towned, 1961).

O importante desta carreira, que durou, como dissemos, poucos anos, é compreender o significado que tem para a natureza da obra de Suetônio. Mais adiante do possível acesso que Suetônio pudesse ter à documentação dos arquivos palacianos, a característica definidora de seu trabalho era, insistimos, seu retorno constante à literatura, a única maneira de explicar esse conhecimento de detalhes minúsculos e anedóticos que sustentam boa parte de sua obra.

Obra

Se bem que a única obra conservada praticamente integral e seguramente a mais ambiciosa é a *Vida dos Doze Césares*, também ademais as seções *De rhetoribus* e *De grammaticis* do *De viris illustribus*. A produção de Suetônio foi relativamente ampla e desenvolvida em não muito tempo, com uma cronologia que é simplesmente um mistério (Baldwin: 1983, 380). Supor que a passagem de Plínio, *Epístolas* V 10 refere-se ao *De Viris illustribus* (Macé: 1900, 68) parece tarefa especulativa (Baldwin: 1980, 380) e tampouco lança muita luz sobre a compreensão da ampla e variada produção suetoniana.

Preservamos fragmentos de atribuição complexas que nos preserva o catálogo presente no *Suda* (SV, 895 Adler), com a particularidade de que as duas edições para o uso, a de Reifferscheid (1860, reeditado 1971) e a de Roth (1875), apresentam um *corpus* de fragmentos realmente diferente: o rigor e prudência do segundo contrasta com a facilidade com que Reifferscheid acomoda textos de origem muito diversa simplesmente sob critérios de conteúdo.

Como dizemos, o *Suda* nos proporciona uma ampla lista de títulos que apresentamos de maneira sumária sob a classificação de Wallace Hadrill (Wallace-Hadrill: 1983, 43), que recolhe e melhora a já ultrapassada de Macé (Macé: 1900, 354-355 cf. Schanz-Hosius de 1922: 58-63), assumindo os *Prata* como título que aglutinaria, de forma enciclopédica, muitos desses títulos (Schmidt: 1991).

1. Obras de lexicografia:

De genere vestium (Roth 281): conhecemos o título por Sêrvio, *Ad Aen.* VII 612. Traria-se com certeza de uma obra sobre as diferentes roupas, seus nomes e características (Macé: 1900, 306; Schmidt: 1991, 3808-3809).

Liber de vitiis corporalibus (Roth: 302): de conteúdo duvidoso, mas certamente faria referência aos defeitos físicos que também têm refletido em nas *Vidas dos Doze Césares* (Macé: 1900, 331-335), os quais desempenham um papel não desprezível na mesma (Coussin: 1953, 235).

Περὶ δυσφήμων λέξεων ἤτοι βλασφημιῶν καὶ πόθεν ἐκάστη [*Sobre os termos malsonantes e blasfêmias e de onde vem cada uma*] (ROTH 282): talvez escrita em grego, reunia em listas classificadas por tipologia humana (mulheres, deuses...) denominações e termos malsonantes (MACÉ, 1900: 267-269).

2. Obras sobre instituições:

Περὶ τῶν παρ'Ἑλλησι παιδιῶν βιβλίον [*Livro sobre os jogos entre os gregos*] (Roth: 275-278): Também, talvez, escrito em grego, está dedicado aos jogos dos gregos, aspecto que também tem abundante prédica nas *Vidas dos Doze Césares* (Macé: 1900, 280-284).

De Romanorum lusibus (Roth: 278-280): forma com o título anterior uma unidade dedicada, como dizemos, para jogos, neste caso romano (Wallace-Hadrill: 1983, 46). O testemunho de Aulo Gélcio, 9, 7, 3 parece assegurar que estamos ante um grupo de, pelo menos, três livros, acrescentando a estes, talvez, o *De puerorum lusibus*, embora qualquer afirmação caia na especulação (Cf. Schmidt: 1991, 3809-3810, com bibliografia).

Περὶ τοῦ κατὰ Ῥωμαίους ἐνιαυτοῦ [*Sobre o ano entre os romanos*] (Roth: 281): empregado entre outros por Macróbio, Censorino e São Isidoro, que continha valiosa informação sobre os nomes dos meses, a casuística em termos legais dos dias, assim como a reforma juliana do calendário, que de novo nos leva a alguns dados das *Vidas dos doze Césares* (Macé: 1900, 307-310).

Περὶ Ῥώμης καὶ τῶν ἐν αὐτῇ νομίμων καὶ ἠθῶν βιβλία β' [*Os dois livros sobre Roma e os seus usos e costumes*] (Roth: 282-283) teria uma temática referente aos costumes com um segundo livro de tom legal (Wallace-Hadrill: 1983, 133), embora o pouco que sabemos – o título em grego provém do *Suda* – convida à prudência (Macé: 1900, 303).

De institutione officiorum (ROTH 302-303) conservamos um só fragmento de tom etimológico (GL Keil II 387, 23), mas, considerando seu uso certo nas *Vidas dos doze Césares* (Wallace-Harill: 1983, 75), resulta possível afirmar que continua a tradição de obras sobre as magistraturas como Semprônio Tuditano (MACÉ, 1900: 298-300), sendo usado até mesmo no oriente (Schmidt: 1991, 3809).

3. Obras biográficas:

De viris illustribus: conhecemos esta obra tanto pelas seções conservadas, relativas aos gramáticos e retóricos, como pelo resumo que, de maneira sumamente flexível, realizou São Jerônimo para seus *De viris illustribus* (Wallace-Hadrill: 1983, 57). No total, a obra se comporá de vida dos poetas, oradores, historiadores, filósofos, gramáticos e retóricos, em uma ordem indeterminada (Schanz-Hosius de 1922: 55). Apesar das expectativas de que uma obra deste título e conteúdo poderia oferecer, ao invés de uma história literária gerada pela soma das biografias dos diferentes perso-

nagens, nos encontramos ante algo muito diferente (Funaioli de 1932: 608). A crítica rastreou até a saciedade dados úteis em termos modernos, mas o que Suetônio nos oferece é um ramalhete de anedotas e dados dispersos que nos fazem lembrar claramente a deriva antiquária e de detalhes que move a obra, um gênero literário por outro lado não novo em Roma (Baldwin: 1983, 380).

Περὶ ἐπισήμων πορνῶν [*Sobre as meretrizes famosas*] (Roth: 302): a rigor, não se trataria de uma obra com o tom rude, como parecia indicar Macé (Macé: 1900, 325-327), mas sim de uma obra de erudição sobre meretrizes ao modo das que conheceu no mundo helenístico (Wallace-hadrill: 1983, 48).

De regibus (Roth: 302-303): sabemos que Suetônio reunia em três livros os reis da Europa, Ásia e África (Ausônio, *Epístola XIX*).

4. *Varia*:

Περὶ τῶν ἐν τοῖς βιβλίοις σημείων α΄ [*Sobre as indicações presentes nos livros*] (Roth: 281) tratado dedicado ao estudo dos signos e sinais gráficos empregados nas obras literárias, de forte tradição helenística.

Περὶ τῆς Κικέρωνος πολιτείας α΄ [*Sobre a constituição de Cícero*] (Roth: 281) se trata de um trabalho polêmico contra Dídimo do qual pouco sabemos (Macé: 1900: 284).

De rebus variis (ROTH, 303): provavelmente, se trata simplesmente de uma denominação alternativa de *Prata* (Wallace-Hadrill: 1983, 43).

Uma das características fundamentais desta vasta e rica produção é, como já salientou Macé, a unidade clara da mesma. O material anedótico e antiquário que recorre a diferentes títulos é um fato que obcecou a crítica, que tentava encontrar possível material comum entre as *Vidas dos Doze Césares* e restante das outras obras. Além dessa vontade - hoje fora do lugar - por rastrear possíveis passagens que sirvam como um ponto de apoio para a reconstrução das obras perdidas, essas coincidências revelam um tom semelhante na totalidade da produção suetoniana que permite inserir sua obra literária na marca deixada pela dedicação cultural e profissional de Suetônio.

A cronologia, como indicamos, é um labor de muito difícil reconstrução, e esta mesma ideia de unidade da obra aponta a falta de uma evolução que permitiria levantar qualquer tipo de cronologia aproximada (Baldwin: 1983, 47). Nem mesmo a mais ambiciosa das obras, a *Vida dos Doze Césares*, admite uma cronologia aproximada. As tentativas de ligar as diferentes partes desta obra a intensidade e qualidade das fontes empregadas constituem uma perspectiva que parece perder força, uma vez que não é

fácil dizer que Suetônio o foi fechado o acesso a todos os arquivos depois de sua queda em desgraça (Baldwin: 1983, 45). Também perde peso a teoria de Bowersock, que viu na *Vida de Domiciano* uma obra da juventude da época de Trajano (Bowersock: 1969, 122-123; cf. Alföldy: 1979, 253), e na *Vida de César* um efeito restauração do personagem por Trajano (Bowersock de 1969: 123): como observaremos, a inclusão de César tem implicações claras na concepção historiográfica de Suetônio, que vão além da possível restauração do personagem.

Fontes

O trabalho pioneiro na investigação suetoniana de Macé marcou a consagração de um modo de analisar as fontes de Suetônio e seu manejo que tem de novo grande relação com o desempenho de cargos oficiais (Galand-Hallyn: 1991, 3577-3578).

As três primeiras vidas formam um grupo unitário que tem atraído a atenção da crítica pela profusão de documentos empregados. Macé limita o uso dos arquivos de maneira sistemática por parte de Suetônio a estas três primeiras vidas (Macé: 1900, 181). Ademais considera o uso das cartas de Augusto como um exemplo claro do acesso de Suetônio a material vedado à circulação, somente o alcance de alguém que, como Suetônio, tinha acesso aos arquivos palatinos (Macé: 1900, 117-118; Gascou: 1984, 463; para arquivos e natureza cf. De Coninck: 1991, 3675-3683). Esta perspectiva perdeu peso porque ao constatar-se o uso desses documentos por Quintiliano (I 7, 22, Baldwin: 1983, 48), o que garante que o manejo dessas cartas era algo relativamente fácil em certos sectores da cultura romana, o que não exclui que Suetônio tivesse acesso aos originais quase que exclusivamente (De Coninck: 1991, 3684-3685). No entanto, não há de se considerar esta circunstância como um desencadeador que definirá a obra de Suetônio (De Coninck: 1991, 3687).

A clara discrepância existente entre as três primeiras vidas e as restantes foi uma das razões que facilitaram o pronto descrédito de Suetônio no tocante ao manejo de fontes. Um exemplo dessa avaliação negativa foi o trabalho metucioso de Flach, o qual colocou em evidência as falhas cronológicas e as toscas generalizações que apresenta a obra (Flach: 1972, 275-279). Segundo Flach esses defeitos foram o resultado negativo do emprego sistemático de espécies por sistema que caracteriza as vidas (Flach: 1972, 288; Gascou: 1984, 349-456). Esta crítica bem fundada é seguramente o melhor ponto de partida para compreender a verdadeira dimensão do uso de documentos por Suetônio. Wallace-Hadrill afirma que a este respeito que “ele não se trans-

forma de erudito em historiador, mas define sua nova tarefa em sua velha forma”² (Wallace-Hadrill: 1983, 62), e ele é o melhor ponto de partida para estudo do uso das fontes de Suetônio. Porque Suetônio não é um historiador, nem sequer com um sistema próprio de um historiador no seu uso. O autor que nos ocupa lia os documentos que biografados tinha deixado (cf. e.g. *Vida de César*, 55-56; *Vida de Augusto*, 85-86), e os combinava com biografias e dados extraídos de obras historiográficas, mas sem a sistematicidade que esperaríamos de um historiador (Wallace-Hadrill: 1983, 62-66). Em suma, Suetônio coleta e usa anedotas, dados isolados perdem seu sentido histórico principal quando inseridos no novo esquema *per species*.

A característica definidora desta maneira de usar as fontes pode ser observada em um dado que já Macé contribuiu à investigação suetoniana: o autor cita documentos sem modificá-los de modo algum (Macé: 1900, 55). Este fato contrasta claramente com a modificação sistemática dos documentos que de maneira paradigmaticamente e no mesmo momento histórico podemos observar em Tácito. Neste sentido, a obsessão pela autenticidade, com detalhes relativos não só ao estilo dos imperadores (cf. *Vida de César*, 55; *Vida Augusto*, 86, *Vida de Tibério*, 71; Macé: 1900, 57), mas também referentes à “paleografia” dos documentos (*Vida de Augusto*, 88, Baldwin: 1983, 104) aponta para uma perspectiva mais própria de um *grammaticus* que de um historiador.

Obviamente, estamos ante o labor de erudito literário que tem uma concepção historiográfica muito específica e que se centra, seguramente por razões de caráter literário, no período republicano, um labor que se mede por umas constantes muito diferentes das que valorizamos em um historiador no seu uso. O uso das fontes não responde à busca de dados para a criação de uma imagem sistemática do passado, mas para a composição de um afresco de anedotas e dados que exigem do leitor um esforço maior diante das lacunas que suas biografias apresentam, em claro contraste com a narrativa analítica (Della Corte: 1967, 148): como bem aponta Steidle (Steidle de 1963: 34; Wallace-Hadrill: 1983, 13), Suetônio requer de seus leitores um conhecimento prévio do quadro histórico para o pleno entendimento dos fatos.

No que diz respeito às obras não preservadas, pouco ou nada podemos obter no que as fontes são concernentes, exceto, é claro, do *De grammaticis* e *De rhetoribus*. A imagem oferecida por essas obras, em relação às fontes, se aproxima *grosso modo* a estes usos próprios de um antiquário que não busca criar uma imagem sistemática do

2 “he did not transform himself from scholar to historian, but set about his new task in his old way”.

passado nem da vida dos biografados. Desta maneira, uma vez mais, a perspectiva do autor impregna a perspectiva geral da obra.

O universo histórico do princeps

A *Vidas dos Doze Césares* gira em torno da figura do imperador, constituído em uma figura que imprime continuidade à história de Roma. Neste sentido, não é menor a inclusão da figura de César na sequência dos Césares, dado que a rigor é uma figura claramente diferente da que exibem os imperadores, como demonstra sua ausência dos *Annales* tacitianos. Mas, como já assinalou Steidle (Steidle: 1963, 45), a importância desta inclusão se verifica em um dos aspectos fundamentais do pensamento suetoniano, que certas incoerências da obra chegam ocasionalmente a escurecer. A morte de César constitui um ponto de continuidade clara que ademais vem acoplada a uma concepção do Principado na que não há espaço para a progressão nas instituições e as colocações reflexivas do mesmo: Suetônio admite a realidade do poder unipessoal e o faz compreendendo este regime como uma realidade monolítica, que começa com o ditador César (Steidle, de 1963: 65-66; Baldwin, 1983: 234), cuja *Vida* apresenta não poucas particularidades que ilustram esse caráter preparatório do poder do ditador (Baldwin: 1983, 217). O pequeno fascínio que esta perspectiva pode apresentar muda completamente quando assumimos a ideário nas obras de Tácito, que, obviamente, também admite o Principado como uma realidade, mas a partir de uma orientação muito diferente. A aceitação de Suetônio envolve a criação de uma nova perspectiva na avaliação dos elementos definidores da política romana, que passa principalmente pela atenção aos indivíduos em detrimento das instituições, o traço que tinha sido definidor da historiografia republicana (Baldwin: 1983, 214), uma mudança que leva necessariamente acoplada o exame da sucessão dos diversos imperadores (Lewis: 1991, 3638-3639).

Esta concentração no indivíduo dá lugar ao surgimento de uma nova ideia de *princeps* que recorre de maneira um tanto difusa todas as *vidas* (Cizeck: 1977, 36) e se assemelha a um modelo muito simples de compreensão da realidade política. A melhor prova disso é o ligeiro interesse que Suetônio demonstra pelos meandros profundos do funcionamento político, na fronteira um conceito tão importante no ideário tacitano como o de *libertas*, que está completamente ausente da obra (Wallace-Hadrill: 1983, 110), e que se materializava em certa maneira a reação das velhas classes senatoriais ante o Principado.

As bases sobre as quais se desenvolve a compreensão do ideal de *princeps* se baseiam na ideia do gestor ideal: o imperador atua e Suetônio observa (Lewis: 1991, 3628). O vínculo de Suetônio às classes alijadas da velha aristocracia senatorial favorece o aparecimento de uma perspectiva alheia em grande maneira às ideias herdadas da era republicana: não se trata simplesmente a perspectiva do *eques* no sentido estrito que defendia della Corte (Della Corte: 1967, 166), mas um ideário vinculado a estes novos grupos de personagens com uma ocupação técnica que, devido ao desempenho das suas funções, têm uma consciência clara das necessidades da gestão do império (Lewis: 1991, 3632), sem a lastro que pode supor o velho ideário republicano detectável em Tácito: simplesmente os grandes temas do pensamento histórico romano estão ausentes (Syme: 1984, 1273; Bradley: 1991, 3713) e, em vez disso, chegar à época um pragmatismo claro porquanto afeta o governo do Império. Mas isso tampouco nos leva a buscar na obra de Suetônio um manual do bom gestor: todas as colocações sobre essa ideia do imperador cristalizam graças a uma técnica biográfica centrada nos detalhes e em detrimento das grandes sistematizações, o que priva as biografias de qualquer tom didático (Bradley: 1991, 3713), que exigiriam mais sistematicidade.

Obviamente, o ponto de partida destas ideias mantém muita relação com as colocações presentes em dois importantes documentos que se mostram uma maior sistematização que as *Vidas dos Doze Césares: Res gestae* de Augusto, quase o credo fundador do Principado, e o *Panegírico* de Plínio, o Jovem, que nos situa à época de Suetônio (Bradley: 1991, 3716).

Em relação ao primeiro documento, já Macé (Macé: 1900: 152-158) indicou com bom senso que o uso do que mesmo se realizava com uma liberdade que apontava para uma evolução das abordagens relativas à propaganda augustana (Wallace-Hadrill: 1983, 167-169). Podemos observar ainda as *Res gestae* mediante a progressiva restauração das posições contrárias à de Augusto, deixando clara a distância entre o documento e a realidade mesma do governo de Augusto (Baldwin: 1983, 235-239), uma realidade que curiosamente se mantém em um ponto intermediário entre as duas imagens opostas que Tácito apresenta nos *Annales*, I 9-10, após a morte do primeiro *princeps* (Baldwin: 1983: 249). Em suma, a importância da reforma e do uso das *Res gestae* reside no carácter pioneiro deste documento sobre a reflexão do ideal de *princeps* como gestor e restaurador do estado.



O Anfiteatro Flávio, século I d. C.

Fonte: – imagem do autor - Miguel Ángel Rodríguez Horrillo

A proximidade pessoal desempenha um papel não menor na importância que o ideário exposto no *Panegírico* de Plínio, o Jovem apresenta para Suetônio, umas concomitâncias de relevância e interesse (Wallace-Harill: 1983, 155). O discurso teve na época uma repercussão considerável no protegido de Plínio (Bradley: 1991, 3709).

A análise do labor do *princeps* se verifica sob uma codificação de *mores* não assimilável ao sistema republicano, “Até a época de Trajano, o principado era tradição, e *mos maiorum* tinha agora de incluir os feitos e os princípios dos imperadores anteriores”³ (Baldwin: 1983, 337). É precisamente essa grande lacuna que se abre entre o modelo historiográfico de Suetônio e Tácito: o biógrafo assume uma perspectiva completamente diferente da do historiador, certamente mais comprometida com a realidade presente (menos otimistas Schanz-Hosius: 1922, 50-51). O interessante de fato é compreender que estamos ante um exame das *virtutes* e os *vitia* dos imperadores e seu impacto na sociedade (Wallace-Hadrill: 1983, 128).

Desde a época helenística louvor do bom governante foi plasmado no exame das virtudes do bom rei, maneira pela qual ele está inserido, em paralelo com Plínio, o próprio Suetônio (Wallace-Hadrill: 1983, 146). No entanto, essa inserção em uma tradição com tão amplo percurso não de nos levar a engano no que a sua sistematicidade se refere: as *virtutes* imperiais são inumeráveis (Wallace-Hadrill: 1983, 152) e pouco concretas (Bradley: 1991, 3723), o que, a nosso entender, se insere dentro da indefinição do mundo de virtudes tradicionais romanas. Somente os vícios, lembramos Wallace-Hadrill (Wallace-Hadrill: 1983, 156; Bradley: 1991, 3703), apresentam uma maior sistematicidade, uma característica que não temos de atribuir a um interesse escabroso por parte de Suetônio. O biógrafo se preocupa com a efetiva gestão do Império e seu funcionamento, e isso faz com que a gama de virtudes se amplie a mesma dramatização dessa gestão, adaptando-se o catálogo de virtudes praticamente a cada circunstância.

Típico do período e próximo aos ideais do *Panegírico* é a crescente preocupação por aspectos completamente ausentes nas *Res gestae* e que abrem novas perspectivas para a compreensão do mundo do *princeps*. Os indivíduos mais próximos ao imperador, sua preocupação com a cultura e seus costumes privados são aspectos que se inserem no universo cultural (Bradley: 1991, 3718). E uma característica que a crítica destacou de maneira unânime é a importância que apresenta em Suetônio a observação das ordens sociais, aspecto intimamente ligado à avaliação pragmática da realidade, longe do pessimismo dos historiadores romanos (Alföldy: 1981-1982, 353-354).

3 “To the age of Trajan, the principate was tradition, and *mos maiorum* had now to subsume the deeds and principles of former emperors”.

O universo suetoniano, como aquele fornecido pelas cartas de Plínio, exhibe uma proximidade clara do sector equestre à antiga classe senatorial (Wallace-Hadrill: 1983, 100), o que tem implicações de grande profundidade no design social e compreensão (Alfödy: 1981-1982, 358-359). O velho conceito ciceroniano de *concordia ordinum* se apresenta como um elemento de forte coesão que atua como uma pedra de toque de cada diferente *princeps*: a recusa aos tiranos é um fator que em Suetônio aparece por de maneira unânime por todos os setores da sociedade romana (Wallace-Hadrill: 1983, 113). Esta ideia não remete em absoluto a uma ideia de igualdade entre as diferentes *ordines*, mas mesmo exatamente o contrário: a ordenação hierárquica da sociedade deve ser escrupulosamente assegurada pela figura do *princeps* (Wallace-Hadrill: 1983, 117), quase como uma virtude mais.

Para além da sua importância na ordem geral da sociedade, o posto equestre apresenta uma posição interessante na obra de Suetônio, que não deve ser tampouco sobrevalorizada ou oposta à dos senadores (Gascou: 1976, 267). O avanço do Império supõe a ampliação das responsabilidades deste grupo, um fato que sem reservas aprova Suetônio (*Vida de César*, 41,3; Baldwin: 1983, 340), e que supõe um bom ponto de comparação da perspectiva tacitiana como característica suetoniana (Gascou: 1976, 268). Mesma comparação apresenta a avaliação da plebe no imaginário suetoniano. Frente ao desprezo quase geral verificável na adjetivação que Tácito emprega ao referir-se à plebe, a postura de Suetônio é realmente mais moderada (Baldwin: 1983, 341).

Estas avaliações individuais dos diferentes setores sociais são o ponto de partida para essa ideia de renovada *Concordia* (Cizeck: 1977, 173) que desenha um mundo de relações entre o imperador e Roma. Em suma, temos uma coesão e organização dos diferentes setores sociais (Alfödy: 1981-1982, 364) não por causa de sua equalização, uma vez que a hierarquia desempenha, como se diz, um papel fundamental (Gascou: 1976, 269) mas ante uma estratificação da sociedade em dois, opondo o imperador ao resto da sociedade. Este fato, que poderia parecer a evolução lógica do desenvolvimento da figura do *princeps*, é uma realidade completamente ausente do pensamento tacitiano; e aqui reside precisamente a sua importância: a vanguarda da reflexão sobre o principado é tomada por escritores não pertencentes a grupos que tradicionalmente tinham se ocupado com estas questões, e que ademais atuam como se desconhecem obras do teor que apresenta Tácito (Syme: 1984, 1258-1259).

Todas estas abordagens delineiam um universo que, apesar de sua clara falta de sistematicidade, supõe um claro e em certa maneira inovador modelo de aproximação da sociedade. Não estamos, como temos insistido, ante um modelo de reflexão

política ou moral (*contra* Gascou: 1984: 675-706), mas ante uma visão moderada do funcionamento da sociedade que se sustenta precisamente no ideal plasmado na ausência de tensões entre as diferentes *ordines* (Cizeck: 1977, 178).

Por outro lado, Suetônio não está completamente alheio a um fenômeno de desenvolvimento político do Principado que Tácito compreendeu de maneira clara. Com o fim da dinastia Júlio-Claudiana, o plano militar adquire um certo peso (Della Corte: 1967, 143). Não se trata de dar conta das ações bélicas dos diversos imperadores, aspecto que depara uma imagem um pouco limitada e sem narrativa bélica (Cf. e.g. *Vida de Augusto* 20-25; Wallace-Hadrill: 1983, 16), mas fazer constar essa importância do exército que também colocava Tácito nas *Histórias*. Contudo, apesar disso, estamos longe da fria compreensão tacitiana da importância do exército: Suetônio se move, de maneira quase idílica, em um mundo certamente urbano, que compreende esta dinâmica pouco profunda.

Religião: o mundo sobrenatural

Como um bom filho de seu tempo, Suetônio outorga aos aspectos sobrenaturais um papel considerável (Macé: 1900, 60-62), especialmente na *Vida de Galba*, 18 (Gascou: 1984, 447-450). Além disso, assistimos a uma defesa da religião em termos tradicionais (Cizeck: 1977, 165; Della Corte: 1967, 74), que cristaliza principalmente no aplauso à supressão de cultos estrangeiros (*Vida de Cláudio*, 25, 5; *Vida de Nero*, 56). Os grupos religiosos que começam a ganhar força no Império são condenados abertamente, como ocorria com Tácito. Deste modo, a expulsão de Cláudio dos judeus é saudada (*Vida de Cláudio*, 25, 4), passagem em que pode esconder uma referência um tanto difusa ao Cristianismo, embora nada pareça decisivo (Baldwin: 1983: 354- 358).

Assim, a atenção dada aos prodígios é uma questão generalizada nas *Vidas*, com um exemplo paradigmático já na *Vida de Augusto*, 90-92 (Wallace-Hadrill: 1983, 189), mas com uma sistemática que sofre pela combinação de aspectos completos de pleno cunho tradicional e de uma ampla gama de fenômenos prodigiosos e sonhos em igualdade de condições (Baldwin: 1983, 359). Este aparente desajuste tem seu ponto de encontro no claro sentido funcional da religião tradicional – algo que caracteriza de maneira geral a religião romana –, e a muito diferente função dos traços prodigiosos, os quais prenunciam as novas orientações que a consciência religiosa do Império está adotando. Em suma, tanto estes dois aspectos como a crítica decidida aos cultos estrangeiros representam em Suetônio, apesar de que as incongruências

presentes à primeira vista possam apontar para o contrário, um todo que deixa entrever claramente a dupla dimensão que adquire o religioso em Suetônio: por um lado, essa clara tendência estatal da religião tradicional, o que leva a condenar os cultos estrangeiros; por outro, uma necessidade paulatinamente crescente de oferecer resposta a condicionantes de cunho puramente individual e pessoal, faceta solucionada com a preocupação individual pelo sobrenatural (Baldwin: 1983, 359).

Cultura grega e cultura romana

A πολυμαθία (*polymathía*) suetoniana abarca desde o próprio desempenho de seus cargos um rico conhecimento da literatura grega (Townend: 1961a, 379). O imperador Adriano estabeleceu, como é sabido (BARDON, 1968: 394), um impulso decisivo e global à helenidade em Roma, o que, em última análise, não conseguiu trazer nada além de confirmar um longo processo de contato cultural com séculos decorridos (o que de certa maneira se esconde por trás dos proêmios de *De grammaticis* e *De rhetoribus* [Wallace-hadrill: 1983, 30-31]).

Tem-se defendido que as *Vidas dos Doze Césares* respondem aos gostos da época (Bardon: 1968, 440), e esta afirmação deve se somar o restante das outras obras, mesmo as mais específicas em termos de conteúdo, que dão conta clara desse profundo significado do grego inerente à cultura de Suetônio e sua época (Wallace-Hadrill: 1983, 202).

No entanto, a importância do elemento grego não reduz o grande papel que o velho sistema cultural romano desempenha nas *Vidas dos Doze Césares*. A tese de Stuart, que via no mundo das *Laudationes funebres* o melhor antecedente das biografias dos imperadores, deve ser matizado, mas não rejeitada completamente, uma vez que certas características destas *laudationes* são antecedentes claros de alguns aspectos das biografias (Steidle: 1963, 110), mas não se pode defender que estes discursos remonta a divisão *per species*. Os *exempla* e a presença dessas virtudes antes indicadas tem sua origem no conglomerado de ideias históricas de onde as *laudationes* são simplesmente um veículo a mais e de onde a historiografia é, como é natural, a nossa melhor via de exploração (Steidle: 1963, 113), um gênero que observa relação estreita com as próprias *laudationes*.

Na mesma linha, um traço que entronca de maneira clara com o ideário romano de todos os tempos é o escrupuloso cumprimento do velho axioma *philosophia per exemplis*. Como bem assinala Steidle, uma análise comparativa com Plutarco permite ver a clara atenção que Suetônio fornece a realização prática dos valores, em

detrimento das bordas mais metafísica apresenta a realidade (Steidle: 1963, 118-121; Bradley: 1991, 3723): os fatos tomam seu significado de maneira isolada, como ocorria de certo modo com os *exempla* na historiografia romana - quase convertidos em anedotas em Suetônio (Murphy: 1991, 3780-3791) - praticamente abandonando o interesse por desenhar de maneira nítida a personalidade dos diferentes personagens. Não se trata de uma questão formal, como bem demonstrou Steidle (Steidle: 1963, 175-176; Lewis: 1991, 3662-3663), mas um critério anexo ao conteúdo, que adquire por ele mesmo seu sentido (Della Corte: 1967, 151).

Esta união, em aparência pouco harmoniosa, tem sua origem e explicação, uma vez mais, no conflitivo e mutante do momento histórico em que Suetônio cria suas obras. O impulso do fator grego (Cizeck: 1977, 174) convive de maneira clara com a funcionalidade das novas vias de pensamento romano desenhadas por novos grupos implicados no funcionamento do Império (Cizeck: 1977, 177-178).

Referências bibliográficas

- ALFÖLDY, 1979, G. Alföldy, "Marcus Turbo, Septicius Clarus, Sueton und die Historia Augusta", *ZPE* 36, 1979, p. 233-253.
- ALFÖLDY, 1981-1982, G. Alföldy, "Römisches Staats- und Gesellschaftsdenken bei Sueton", *AncSoc* 11-12, 1981-1982, p. 349-385.
- D'ANNA, 1954, G. D'Anna, *Le idee letterarie di Suetonio*, Florencia, 1954.
- BALDWIN, 1983, B. Baldwin, *Suetonius*, Amsterdam, 1983.
- BARDON, 1968, H. Bardon, *Les empereurs et les lettres latines d'Auguste à Hadrien*, Paris, 1968.
- BOWERSOCK, 1969, G. Bowersock, "Suetonius and Trajan" en *Hommages à Marcel Renard*, Bruselas, 1969, p. 119-125.
- BRADLEY, 1991, K. R. Bradley, "The imperial idea in Suetonius' 'Caesares'", *ANRW II* 33, 5, 1991, pp. 3701-3732.
- CIZECK, 1977, E. Cizeck, *Structures et idéologie dans "Les Vies des douze Césars de Suétone"*, Bucarest-Paris, 1977.
- CIZECK, 1991, E. Cizeck, "Les genres de l'historiographie latine", *Faventia* 2, 1985, p. 15-33.
- CIZECK, 1991, E. Cizeck, "La littérature et les cercles culturels et politiques à l'époque de Trajan", *ANRW II* 33, 5, 1991, pp. 3-35.

- DE CONINCK, 1991, L. de Coninck, “Les sources documentaires de Suétone, “Le XII Césars”: 1900–1990.” *ANRW II* 33, 5, 1991, p. 3675–3700.
- DELLA CORTE, 1967, F. della Corte, *Suetonio, eques romanus*, Florencia, 1967².
- COUISSIN, 1953, J. Couissin, “Suétone physiognomoniste dans les Vies des XII Césars”, *REL* 31, 1953, p- 234–256.
- VAN’T DACK, 1968, E. VAN’T DACK, “A studiis, a bybliotheccis”, *Historia XIII*, 1968, p. 177–184.
- FLACH, 1972, D. Flach, “Zum Quellenwert der Kaiserbiographien Suetons, *Gymnasium* 79, 4, 1972, p. 273–288.
- FUNAIOLI, 1932, G. FUNAIOLI, “C. Suetonius Tranquillus” *RE IV A*, 1932, Cols. 593–641.
- GALAND–HALLYN, 1991, P. Galand–Hallyn, “Bibliographie suétonienne (Les “Vies des XII Césars”) 1950–1988. Vers une réhabilitation”, *ANRW II* 35, 5, 1991, p. 3576–3622.
- GASCOU, 1976, J. Gascou, “Suétone et l’ordre équestre”, *REL* 54, 1976, p. 157–277.
- GASCOU, 1984, J. Gascou, *Suétone historien*, Roma, 1984.
- GEIGER, 1985, J. Geiger, *Cornelius Nepos and Ancient Political Biography*, Stuttgart, 1985.
- LEWIS, 1991, R. G. Lewis, “Suetonius’ “Caesares” and their literary antecedents”, *ANRW II* 33, 5, 1991, p. 3623–3674.
- MACÉ, 1900, A. Macé, *Essai sur Suétone*, Paris, 1900.
- MURPHY, 1991, J. P. Murphy, S.J., “The anecdote in Suetonius’ Flavian “Lives”, *ANRW II* 33, 5, 1991, p. 3780–3793.
- PÉREZ JIMÉNEZ, 1985, A. Pérez Jiménez, *Plutarco. Vidas Paralelas*, I, Madrid, 1985.
- PICÓN, 1998, V. Picón, *Suetonio, Vidas de los Césares*, Madrid, 1998.
- PICÓN, 2009, V. Picón, “La biografía en Suetonio y la escritura biográfica: análisis literario de la *Vita Divi Augusti* y la *Vita Divi Iulii*”, en V. Valcárcel (ed.), *Las biografías griega y latina como género literario*, Vitoria–Gasteiz, 2009, p. 69–108.
- RAMÓN PALERM, 1992, V. Ramón Palerm, *Plutarco y Nepote. Fuentes e interpretación del modelo biográfico plutarqueo*, Zaragoza, 1992.
- RAMÓN PALERM, 2009, V. Ramón Palerm, “Plutarco y la biografía política en Grecia: aspectos de innovación en el género”, en V. Valcárcel (ed.), *Las biografías griega y latina como género literario*, Vitoria–Gasteiz, 2009, p. 41–67.

- REIFFERSCHIED, 1971, F. REIFFERSCHIED, *C. Suetonius Tranquillus praeter Caesarum libros Reliquiae, edidit Augustus Reifferscheid*, Hildesheim–Nueva York, 1971 (=Leipzig, 1860).
- ROTH, 1875, C. L. Roth, *C. Suetoni Tranquilli quae supersunt omnia, recensuit C. L. Roth*, Leipzig, 1875.
- SCHANZ–HOSIUS, 1922, M. Schanz, C. Hosius y G. Krüger, *Geschichte der römischen Literatur, dritter Teil, die Zeit von Hadrian 117 bis auf Constantin 324*, Munich, 1922.
- SCHMIDT, 1991, P. L. Schmidt, “Suetons “Pratum” seit Wessner (1917)”, *ANRW* II 33, 5, 1991, p. 3794–3825.
- STEIDLE, 1963, W. Steidle, *Sueton und die antike Biographie*, Munich 1963².
- SYME, 1958, R. Syme, *Tacitus*, Oxford, 1958.
- SYME, 1984, R. Syme, “Biographers of the Caesars”, en A. Birley, ed., *Roman papers III*, Oxford, 1984, pp. 1251–1275 (=MH 37, 1980, pp. 104–128).
- SYME, 1984a, R. Syme, “The travels of Suetonius Tranquillus”, en A. Birley, ed., *Roman papers III*, Oxford, 1984, p. 1337–1349 (=Hermes 109, 1981, pp. 105–117).
- TOWNEND, 1961, G. B. Townend, “The Hippo Inscription and the career of Suetonius”, *Historia* X, 1961, pp.99–109.
- TOWNEND, 1961a, G. B. Townend, “The post of ab epistulis in the Second century”, *Historia* X, 1961, p. 375–381.
- VALCÁRCEL, 2009, V. Valcárcel, “La ambigua relación entre la biografía y la historia”, en V. Valcárcel (ed.), *Las biografías griega y latina como género literario*, Vitoria–Gasteiz, 2009, p. 19–39.
- WALLACE–HADRILL, 1983, A. Wallace–Hadrill, *Suetonius*, Londres, 1983.